

# **A MAMOA DE EIREIRA (AFIFE, VIANA DE CASTELO): UM ESBOÇO MONOGRÁFICO PRELIMINAR**

Fábio Soares

Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais. Departamento de História

Largo do Paço, 4704-553, Braga, Portugal

[fabio.soares.arq@gmail.com](mailto:fabio.soares.arq@gmail.com)

# A mamoa de Eireira (Afife, Viana de Castelo): um esboço monográfico preliminar

Fábio Soares

## Historial do artigo:

Recebido a 10 de fevereiro de 2018

Revisto a 10 de maio de 2018

Aceite a 12 de maio de 2018

## RESUMO

A Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) foi alvo de quatro campanhas de escavação por Eduardo Jorge Lopes da Silva, no âmbito do projeto de investigação intitulado “O Estudo do Megalitismo Minhoto e a sua Correlação com o Douro Litoral e Beiras”, entre 1986 e 1989. No entanto, a publicação integral dos resultados não foi levada a cabo, conhecendo-se apenas notícias arqueológicas e descrições genéricas do monumento. Existe, assim, uma lacuna de conhecimentos sobre as características construtivas deste imóvel, sobre a matéria com que foi erigido, sobre a sua contextualização no espaço em que se insere e ainda sobre o mobiliário funerário exumado no decurso dos trabalhos arqueológicos. A consulta dos relatórios entregues à tutela por este investigador, bem como novos trabalhos de limpeza efetuados por nós neste monumento em julho de 2013 permitiram, entre outras coisas, descobrir novos dados que aqui pretendemos dar a conhecer, ancorando-nos numa premissa básica: no estudo do mundo funerário nada é arbitrário, todos os elementos são o resultado de uma escolha criteriosa, os quais guardam uma mensagem ou contam uma história e deverão, inevitavelmente, associar-se às conceções da morte no Neolítico.

**Palavras-chave:** Neolítico, NW de Portugal, Viana do Castelo, Mamoa de Eireira

## ABSTRACT

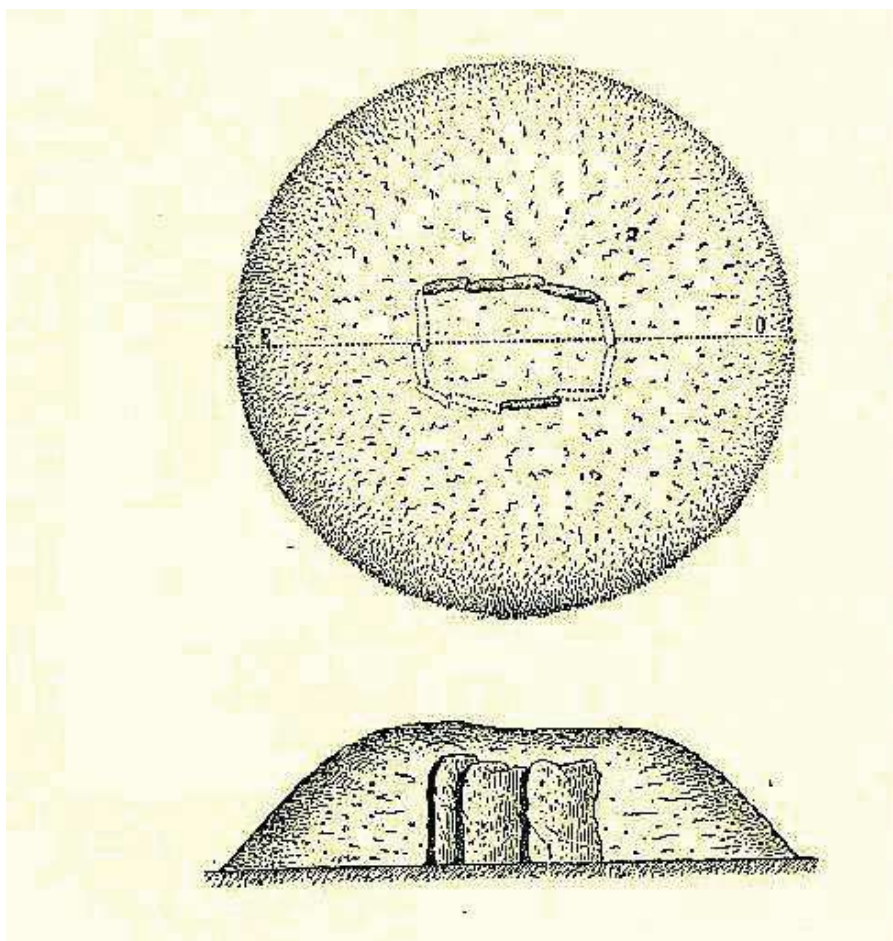
Four excavation campaigns were conducted in Eireira Mound (Afife, Viana do Castelo) by Eduardo Jorge Lopes da Silva between 1986 and 1989, as part of the investigation project “The Study of Megalithic Minhoto and its Correlation with Douro Litoral and Borders”. The complete results were never published; however archaeological news and generic descriptions of the monument are known. There is a lack of knowledge, therefore, about the monument’s constructive characteristics, the materials used to build it, its background within the space it was built and even on the grave goods exhumed during the archaeological works. The query of the reports given to the guardianship by this researcher, as well as new cleaning works done by us in this monument in July 2013 allowed, among other things, to discover new data that we intend to make known here, anchoring us on a basic premise: in the study of the funerary world nothing is arbitrary, all the elements are the result of a judicious choice, which either keep a message or tell a story and must inevitably be associated with the conceptions of death in the Neolithic.

**Key-words:** Neolithic, NW of Portugal, Viana do Castelo, Eireira Mound

## 1. Introdução

A primeira referência à Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) é realizada por Francisco Martins Sarmiento que a designou por “*antella*” ou “*antinha*”, uma vez que, segundo este, nesta não existia a tradicional tampa de cobertura (o teto), sendo o monumento encerrado por outras pedras de menor dimensão, logo de fácil remoção (SARMENTO, 1882: 2-3). Nesta linha de pensamento, o enterramento dos mortos não se efetuaria lateralmente, como aconteceria nos dólmenes, mas antes de “*cima para baixo*” (*Idem*, 1882: 2-3).

Francisco Martins Sarmiento, além de ser o primeiro a explorar o monumento em causa, foi-o também no desenho da sua planta, constituindo esta um marco importante visto ter sido a primeira a ser divulgada no norte de Portugal “*com câmara e tumulus*” (JORGE, 1982: 384). A troca de correspondência entre Francisco Martins Sarmiento e Émile Cartailhac, tendo estado o último presencialmente na Citânia de Briteiros (Guimarães), em 1880, levou-o a publicar na sua obra de 1886, editada em Paris, *Les Âges Préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*, a planta da Mamoa de Eireira (vd. **Figura 1.**), referindo-a como a “*Mamunha da Eireira*” (CARTAILHAC, 1886: 159).



**Figura 1.** Planta da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) segundo Cartailhac (1886:159). **Fonte:** *Les Âges Préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*.

Francisco Martins Sarmiento morre em 1899, acontecimento que não só afeta os trabalhos levados a cabo na Mamoa de Eireira, mas também a arqueologia do norte português – e

consequentemente no concelho de Viana do Castelo –, dado que a partir desta data ocorre um vazio em termos de informação na investigação arqueológica.

É apenas na década de 80 do século passado que a arqueologia vianense volta a ganhar um novo fôlego, desta vez com Eduardo Jorge Lopes da Silva que centrou os seus interesses investigacionais na escavação de monumentos megalíticos nas freguesias de Afife, S. Romão de Neiva e Chafé, no concelho de Viana do Castelo (BROCHADO, 1999: 121). A escavação da Mamoa de Chafé, muito próxima do litoral, no Verão de 1985, revelou espólio em abundância e qualitativamente interessante, razão pela qual Eduardo Jorge Lopes da Silva se debruçou também no estudo do megalitismo nortenho alicerçando-se nesse ano num novo projeto de investigação intitulado “*O Estudo do Megalitismo Minhoto e a sua Correlação com o Douro Litoral e Beiras*” (SILVA, 1985: 1), aprovado pelo então IPPC (Instituto Português do Património Cultural) e com vista à prestação de provas de doutoramento a efetuar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), mas nunca concretizadas. É neste âmbito que se dá a escavação da Mamoa de Eireira, já que possuía uma posição idêntica à de Chafé. Esta localiza-se no distrito e concelho de Viana do Castelo, na freguesia de Afife, no lugar da Eireira ou Madorro. O monumento em causa foi alvo de quatro campanhas de escavação, entre 1986 e 1989. Tais campanhas permitiram a obtenção de um espólio rico e diversificado, assim como a descoberta de seis esteios gravados. Infelizmente, a Mamoa de Eireira não foi alvo de publicação monográfica, sendo apenas referida parcialmente em alguns artigos (SILVA, 1988b, 1991, 1992, 1997) e em capítulos de atas de congressos (SILVA, 1994, 2003). A morte de Eduardo Jorge Lopes da Silva, no ano de 2013, sem que a totalidade dos dados das escavações tivessem sido publicados, torna pertinente este trabalho, ainda preliminar, mas que tem por objetivo aumentar os conhecimentos sobre os contextos e práticas funerárias neolíticas do norte português, estabelecer algumas considerações sobre o meio físico em que foi erigido, estudar as características arquitetónicas e algum mobiliário exumado tecendo algumas considerações sobre as práticas funerárias neolíticas, as matérias usadas para a sua manufatura e o período de utilização e reutilização do monumento.

## 2. Metodologia

Este trabalho assentou em várias etapas: na pesquisa bibliográfica e na leitura dos relatórios de escavação entregues à tutela; na realocação do monumento; na realização *in loco* de trabalhos de limpeza da envolvente da Mamoa de Eireira, entre 2013 e 2014 e em colaboração com a Professora Doutora Ana M. S. Bettencourt, de forma a extrair a vegetação arbustiva e herbácea composta, essencialmente, por fetos e tojos, assim como dos próprios esteios do monumento, onde abundavam pequenos líquenes que impossibilitavam uma adequada visualização das áreas decapadas e dos perfis estratigráficos obtidas no decorrer das referidas escavações e, finalmente, pelo registo gráfico de vários perfis representativos do *tumulus*, assim como da área da entrada do monumento. Tal permitiu uma leitura estratigráfica do *tumulus*, perceber as suas etapas construtivas e a matéria-prima com que foi construído.

Também estudamos de forma detalhada uma estrutura em negativo, aberta no substrato rochoso, na área do corredor, que segundo a informação de Horácio Faria (1) seria antiga e que “*nesse local em concreto foram descobertas pontas de seta de sílex e xisto, um fragmento ósseo que segundo creio poderia ser de um maxilar inferior e fragmentos cerâmicos muito grosseiros*” (FARIA, 2014), o que justificou o desenho dos seus perfis, plano e secções.

Todos os registos gráficos foram elaborados à escala 1:20 e cotados no momento seguinte aproveitando, no extremo sul da couraça lítica, um bloco de granito de dimensão média e a uma altitude mais elevada, o qual constituiu o nosso ponto zero.

Verificamos, igualmente, a existência de novos motivos gravados e pintados pelo que optamos por efetuar um novo levantamento de todos os motivos existentes nos vários esteios (SOARES, 2013; OLIVEIRA *et al.*, 2014). Previamente a essa tarefa, desenhamos os esteios da Mamoa de



Eireira à escala 1:10. O decalque dos motivos de arte megalítica foi efetuado através de plástico polivinil e de canetas de acetato de várias cores. A realização destas atividades permitiu obter respostas para algumas questões pontuais que ficaram por esclarecer nas anotações de Eduardo Jorge Lopes da Silva.

No momento seguinte, trataram-se os dados resultantes do trabalho de campo e, ainda, do trabalho efetuado em vários museus como o de Artes Decorativas de Viana do Castelo e a Casa dos Nichos, em Viana do Castelo. Tendo em conta que a Câmara Municipal de Viana do Castelo se comprometeu com Eduardo Jorge Lopes da Silva a não autorizar o estudo dos materiais arqueológicos resultantes das campanhas de escavação na Mamoa de Eireira, este não foi efetuado. Apenas observamos o material exposto na Casa dos Nichos e, a partir daí e dos relatórios de escavação, decidimos fazer uma descrição genérica destes dados. Em relação ao material lítico depositado nesta instituição procedemos ao estudo da matéria-prima dos mesmos e a sua eventual área de origem. Realizamos, ainda, o decalque dos motivos pintados presentes num dos esteios da Mamoa de Eireira, o qual se encontra deslocado e em exposição no Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo, trabalho este que ainda não tinha sido efetuado. Também foram retiradas amostras das pinturas para análises de química inorgânica e radiométricas. As primeiras foram efetuadas por César Oliveira, químico da Escola de Ciências e Departamento de Química da Universidade do Minho. Já as últimas foram realizadas no laboratório de radiocarbono Beta Analytic Inc, em Miami, nos Estados Unidos da América. Por último, vetorizaram-se os desenhos de campo (plantas e perfis) e os motivos de arte megalítica, usando *softwares* informáticos como o AutoCAD® 2013 e o Adobe Illustrator® CS6. Trabalhou-se igualmente o material fotográfico resultante dos momentos anteriores. Realizamos, ainda, algumas análises espaciais através de um Sistema de Informação Geográfica.

### 3. Localização e contexto físico e ambiental

A Mamoa de Eireira localiza-se no lugar do Madorro ou da Eireira, na freguesia de Afife, concelho e distrito de Viana do Castelo. As suas coordenadas geográficas em graus decimais, segundo o sistema WGS 84, são: Latitude N. 41. 792883° e Longitude W. -8. 867022°, à altitude de 30 m (vd. Figura 2.).

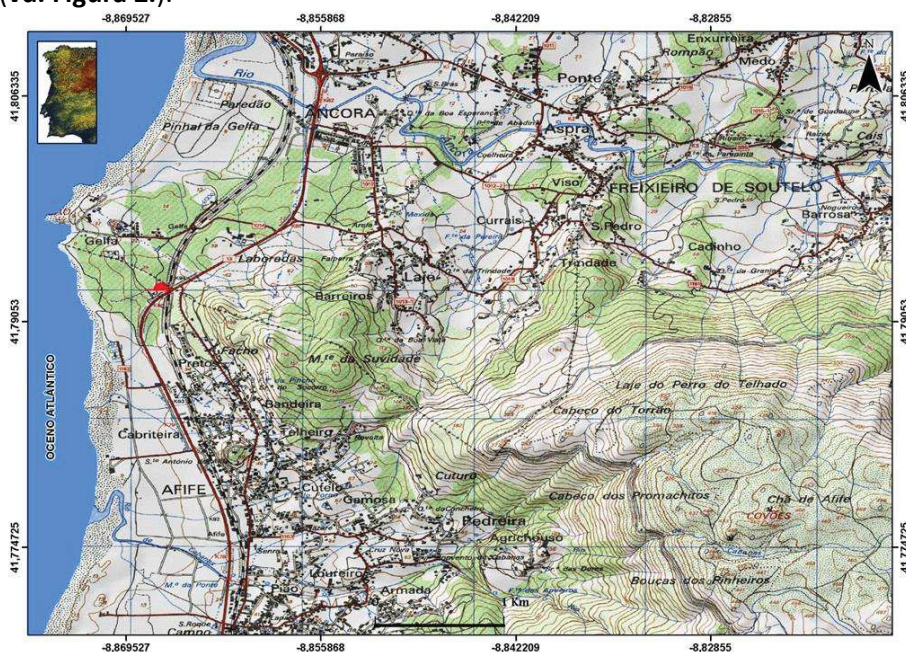


Figura 2. Localização da Mamoa de Eireira na Carta Militar de Portugal n.º 27 à escala 1:25000. Malha da quadrícula: 1 km.

Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército.

O monumento implanta-se numa plataforma da vertente NW da Serra de Santa Luzia, a cerca de 400 m para nascente da linha de costa e nas imediações de um vale bem irrigado que lhe fica a sul – a veiga de Afife, percorrida pelo rio de Afife ou de Cabanas. O substrato geológico é composto por granito de duas micas de grão médio a fino, por vezes com turmalina e raras granadas que afloram em alguns locais (TEIXEIRA et al., 1972). Também ocorre, mas com menor expressão, um granito de duas micas porfiroide, de grão médio a fino (*Idem*, 1972). A vegetação local é arbórea, predominando a acácia e o eucalipto, e arbustiva, podendo-se observar fetos e tojos.

#### 4. Condições de visibilidade a partir da Mamoa de Eireira

No que concerne às condições de visibilidade da Mamoa de Eireira para a área circundante – e colocando a hipótese da inexistência da densa vegetação que atualmente subsiste – no sentido oeste-sudoeste observar-se-ia o Oceano Atlântico, para sul ver-se-ia a vertente oeste da Serra de Santa Luzia, a norte, provavelmente, avistar-se-ia o Monte de Santa Tecla; e, por fim, a noroeste visualizar-se-ia também o oceano.

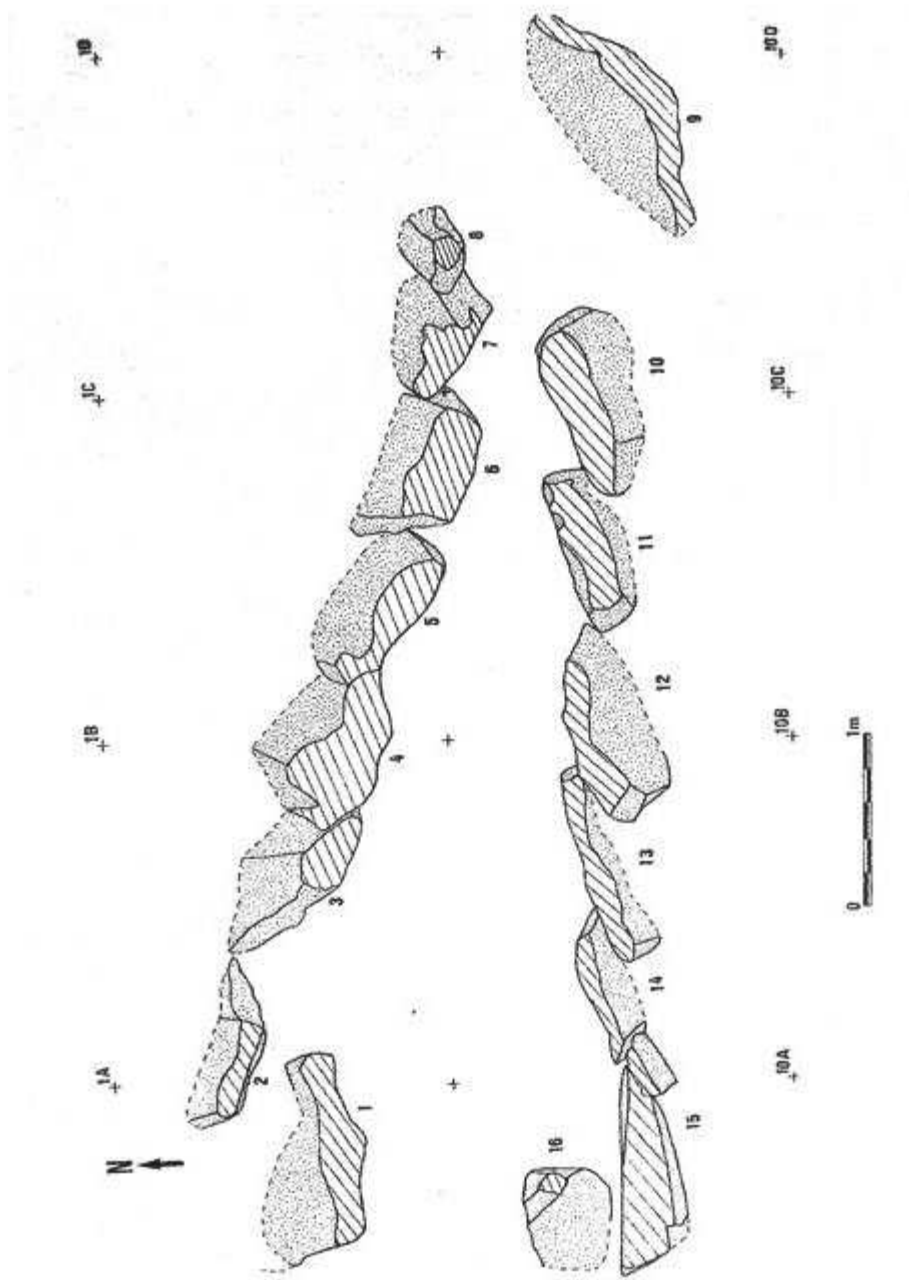
#### 5. Contexto arqueológico

A Mamoa de Eireira, pelo facto de se implantar de forma relativamente isolada, não parece pertencer a um núcleo megalítico. No entanto destaca-se a sua proximidade, num raio de 3 km, com outros monumentos *sob tumuli*. É o caso da Mamoa da Veiga do Paçô (SOARES, no prelo), em Carreço, a cerca de 4 km para sul, do Dólmen da Barrosa (SILVA, 1988b: 128) (Vila Praia de Âncora, Caminha), para norte e das Mamoas de Aspra (SOARES, no prelo) (Vila Praia de Âncora, Caminha) e de Santo Vile (SILVA, 1988b: 128) (Vile, Caminha) para nordeste. A apenas algumas centenas de metros no sentido oeste-sudoeste deste monumento encontram-se as gravuras rupestres da Carrasqueira, na freguesia de Afife, concelho e distrito de Viana do Castelo. Contudo, e apesar da proximidade entre estas duas realidades arqueológicas, não há contacto visual entre ambas, assim como não existe uma similaridade entre os motivos gravados nos esteios da Mamoa de Eireira e os da Carrasqueira (BETTENCOURT, 2014).

#### 6. Resultados

##### 6.1. A câmara funerária e o corredor

As quatro campanhas de escavação levadas a cabo na Mamoa de Eireira revelaram uma estrutura dolménica bem conservada, sobretudo pelos seus 16 esteios *in situ* (SILVA, 1988b: 129). Estes configuram uma estrutura dolménica de corredor duplamente indiferenciado – em planta e alçado –, de contorno em V (*Idem*, 1994: 163). A Mamoa de Eireira encontra-se orientada no sentido oeste-este (*Idem*, 1988b: 129) (vd. **Figura 3.**).



**Figura 3.** Planta da Mamoa de Eireira com a numeração dos esteios. Registo gráfico à escala 1:20 elaborado por Silva (1987).

**Fonte:** Relatório de Escavação.

Tendo em conta o cenário atrás descrito, a câmara – correspondendo ao espaço mais amplo do monumento, com cerca de 2 m de largura máxima – não se encontra fechada pelo esteio de cabeceira do lado oeste. A totalidade do espaço dolménico mede cerca de 6,25 m. O esteio de cabeceira, por sua vez, encontra-se tombado no sentido oeste-este e nas imediações dos esteios números 16, 15 e 14 (*Idem*, 1988b: 129). Situação idêntica ocorreu a um pilar granítico, com as faces de contorno sensivelmente trapezoidal e base retangular, o qual se encontrava derrubado na horizontal e próximo do esteio n.º 16 para o lado oeste (*Idem*, 1987: 5). Este foi descoberto no âmbito da segunda campanha de escavações na Mamoa de Eireira (*Idem*, 1987:5). Tendo em conta o seu volume e peso, Eduardo Jorge Lopes da Silva solicitou o apoio

técnico da autarquia de Viana do Castelo, no sentido de deslocar este pilar, tendo para o efeito supervisionado os trabalhos (*Idem*, 1989: 3). Assim, o mesmo foi removido do local por uma máquina escavadora e depositado provisoriamente no NAIAA (Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife), tendo sido transferido num momento posterior para o Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo, onde se encontra atualmente em exposição. Após a deslocação e limpeza cuidada deste, Eduardo Jorge Lopes da Silva, detetou vestígios de pinturas (*Idem*, 1989: 3), as quais eram “constituídas por 5 linhas onduladas, de tipologia tipicamente megalítica. A cor é o vermelho sanguíneo. Os ondulados apresentam curvaturas suaves, são paralelos, e na sua maioria, em muito bom estado de conservação” (*Idem*, 1989: 3-4). Acrescenta ainda que os quatro motivos principais parecem estar associados dois a dois (*Idem*, 1989: 3-4).

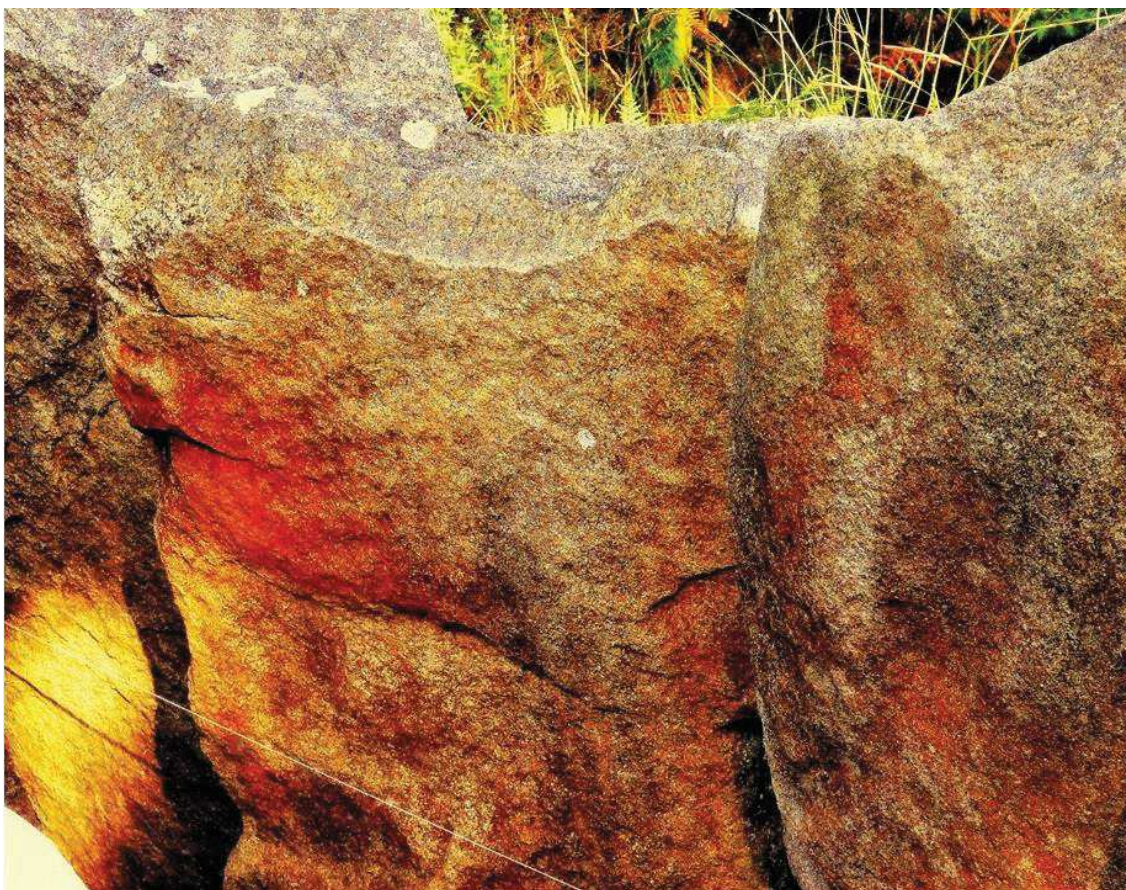
A posição original do pilar pintado supracitado seria, provavelmente, em posição vertical e encostado ao esteio n.º 1, uma vez que o seu “gémeo”, o esteio n.º 16, se encontra na mesma posição, porém encostado ao esteio n.º 15. Este, por sua vez, já não apresentava vestígios de pinturas.

Todos os esteios que configuram a estrutura dolménica apresentam a mesma altimetria – cerca de 2 m – e estão acentuadamente inclinados para o interior, embora alguns estejam ligeiramente deslocados (*Idem*, 1988b: 129-130).

Não existe qualquer laje de cobertura.

A leitura dos relatórios de escavação, assim como dos artigos parciais em revistas (*Idem*, 1988b, 1991, 1992, 1997) e/ou atas de congressos (*Idem*, 1994, 2003), revelaram-se insuficientes num estudo mais aprofundado deste monumento. Do trabalho que levamos a cabo na Mamoia de Eireira constatamos, em primeiro lugar, que a matéria usada na construção da estrutura dolménica foi o granito que, de uma forma geral, é moscovítico, de traço turmalínico com alguma granada de grão médio a fino. Algumas faces dos esteios apresentam um tipo de granito mais grosseiro composto por quartzo e feldspato. Um dado interessante reside no facto de alguns esteios (números 2, 9 e 10) apresentarem tonalidades avermelhadas/alaranjadas de origem natural, mas existentes no aro da Serra de Santa Luzia (vd. **Figura 4.**).





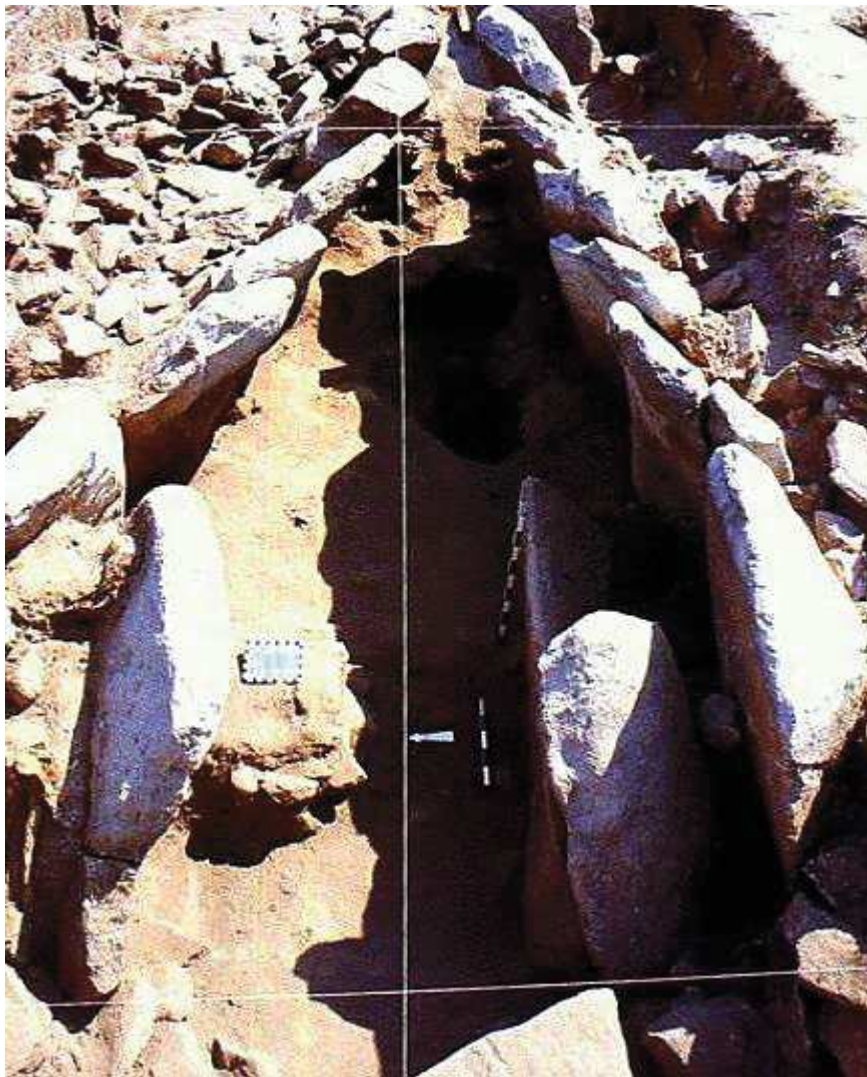
**Figura 4.** Esteios da Mamoa de Eireira com tonalidades avermelhadas/alaranjadas de origem natural. **Fonte:** Autor.

Estas informações foram gentilmente facultadas por Pedro Pimenta Simões, geólogo no Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho, após uma visita à Mamoa de Eireira no decurso dos nossos trabalhos. Já nos esteios números 6, 14, 15 e 16 denotamos a presença de pinturas. Assim, e de forma a confirmar as nossas suspeitas, solicitamos o auxílio de César Oliveira, químico e membro do Departamento de Química da Universidade do Minho, para a realização de análises de química inorgânica e de Luís Gonçalves, membro do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho, para a realização de análises de cromatografia gasosa. Os resultados de ambas as análises mostraram-se interessantes. As análises de difração por raio-X mostraram a presença de minerais como a hematite, um óxido férrico natural; e goethite, também um óxido de ferro ortorrômbico (OLIVEIRA et al., 2014). São, portanto, estes os minerais responsáveis pela coloração avermelhada do pigmento (*Idem*, 2014). Estas análises revelaram também a presença de quartzo, mica e feldspato, comprovando a composição do tipo de granito usado para a edificação da Mamoa de Eireira (*Idem*, 2014). Por outro lado, as análises de cromatografia gasosa revelaram a presença de algas e/ou plantas aquáticas na amostra, dado obtido através dos vestígios de óleos vegetais na amostra, assim como colesterol, um esterol que é encontrado nas membranas celulares dos animais (*Idem*, 2014). As análises de cromatografia forneceram ainda evidências de combustão nas amostras, ou seja, tal facto sugere que as algas e/ou plantas aquáticas foram previamente aquecidas e/ou cozinhadas em fogo, sendo submetidas à influência do fumo (*Idem*, 2014). Em suma, as comunidades pré-históricas, responsáveis pela edificação da Mamoa de Eireira, pintaram alguns dos esteios com recurso a um preparado composto por algas e/ou plantas aquáticas, gema de ovo, o qual foi posteriormente fervido/cozinhado e, por fim, foi-lhe ainda adicionado hematite e goethite para obter uma coloração avermelhada.

Na área do corredor, entre os esteios números 7, 6 e 5 – do alçado norte – e os esteios números 10, 11 e 12 – do alçado sul -, respetivamente, foi detetada e escavada, em



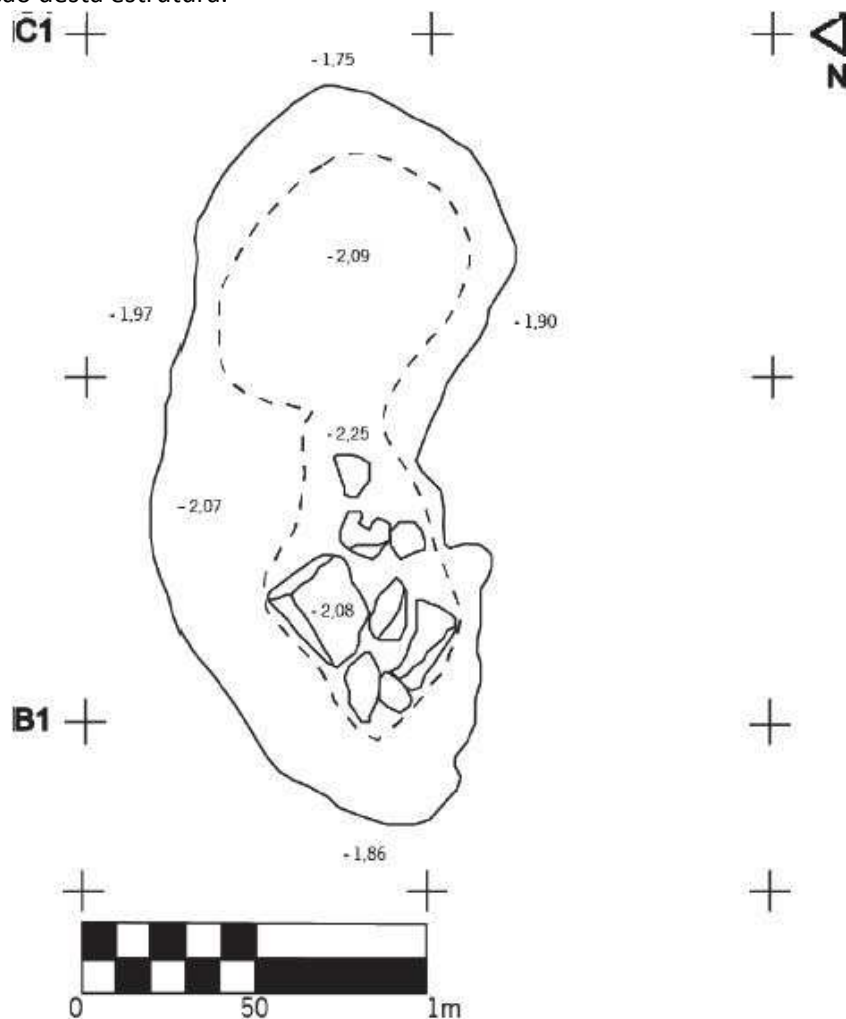
profundidade, uma estrutura em negativo nas últimas duas campanhas de escavação levadas a cabo na Mamoa de Eireira. Em momento algum Eduardo Jorge Lopes da Silva faz referência à mesma, tanto nos relatórios entregues à tutela, os quais tivemos oportunidade de consultar, assim como nas publicações onde refere o monumento. Sabemos que foi encontrada aquando das escavações, porque aparece na fotografia final dos trabalhos que se publicou num folheto de divulgação do monumento (SILVA, 1992) (vd. **Figura 5.**), como nos foi referido pelo Engenheiro Horácio Faria, funcionário da Câmara Municipal de Viana do Castelo e membro do NAIAA. Segundo este erudito da arqueologia, que participou na escavação da referida estrutura, terá sido desta área que resultou o material mais significativo, tal como “*pontas de seta, louça grosseira e um fragmento osteológico que talvez pertencesse a um maxilar inferior*”.



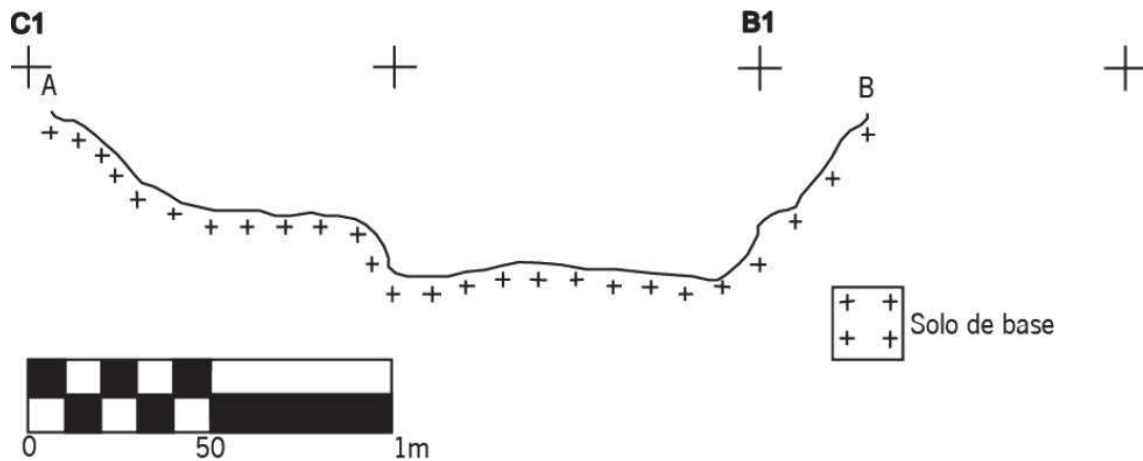
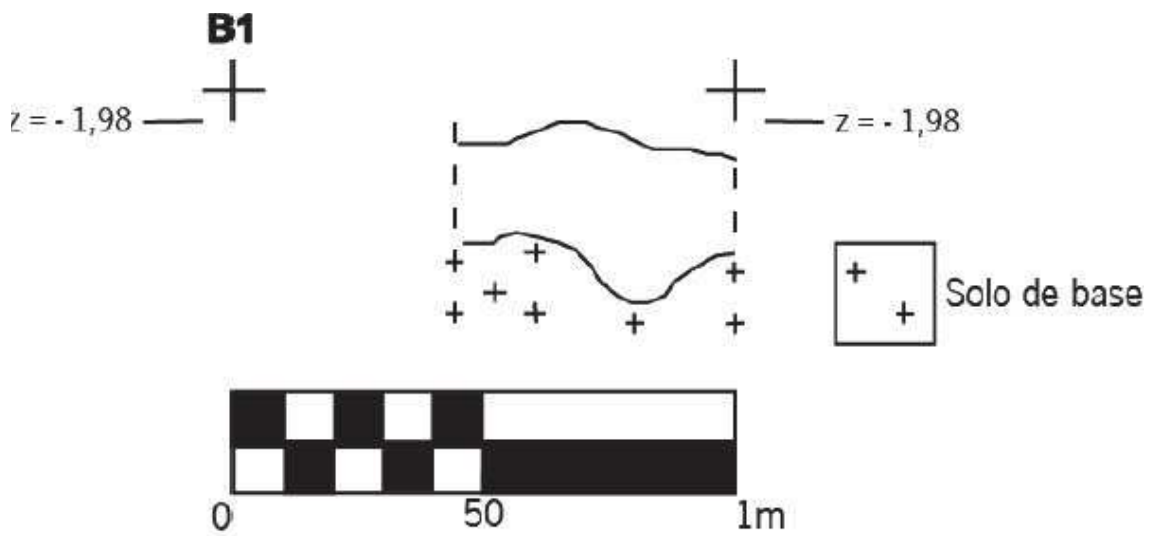
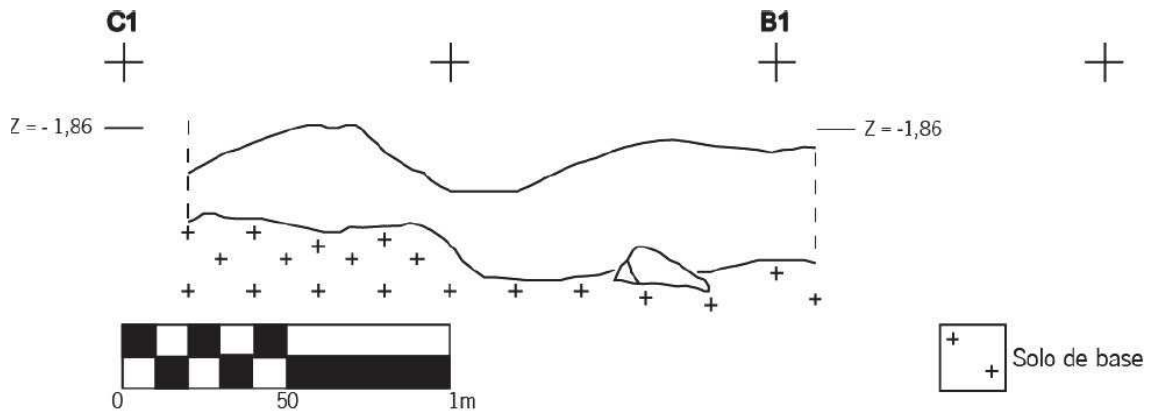
**Figura 5.** Fotografia da câmara e do corredor da Mamoa de Eireira podendo observar-se, ao fundo do corredor, uma estrutura em negativo (SILVA, 1992). **Fonte:** Folheto de divulgação da Mamoa de Eireira.

Tendo em conta estas referências, em julho de 2013, procedemos à limpeza desta estrutura, uma vez que se encontrava repleta de vegetação herbácea e de escassos sedimentos, tendo efetuado o seu registo gráfico com vista à sua possível interpretação (vd. **Figuras 6., 7. e 8.**). Esta apresenta um contorno grosseiramente ovalar, tendo para o efeito cerca de 2,50 m de comprimento por 1 m de largura máxima, com um estrangulamento no meio, num dos lados, como se tivesse resultado de duas fossas. A sua profundidade máxima aproxima-se dos 0,40 m. Atualmente há uma acumulação de calhaus (2) e de blocos de granito e de quartzo e um

seixo rolado no interior oeste desta estrutura que não sabemos se era original, motivo pelo qual não os retiramos. A secção longitudinal desta estrutura, que se orienta de oeste para este, mostra que a sua base era aplanada mas com diferentes profundidades (vd. **Figuras 9. e 10.**). Assim, e alicerçando-nos nas afirmações de Horácio Faria, assim como nas dimensões que a mesma apresenta, apenas podemos colocar a hipótese desta estrutura ter servido originalmente para um enterramento individual, no qual o cadáver estaria numa posição de decúbito lateral com o crânio voltado para leste, acompanhado, claro, de oferendas simbólicas que poderiam, ou não, refletir as suas atividades em vida. No entanto, a localização desta no seio da estrutura dolménica, em pleno corredor, não é algo usual. Também não podemos descartar um outro dado incontornável, isto é, grosso modo os monumentos funerários megalíticos foram alvo de violações e atos de vandalismo durante o período romano e épocas posteriores, na ânsia de encontrar “tesouros”. No entanto, e para decepção destas comunidades, os “tesouros” eram inglórios e não valiam o esforço/empenho nos atos deliberados de saque e vandalismo. Contudo, estes atos afetaram, indubitavelmente, os monumentos funerários megalíticos. A Mamoa de Eireira não foi exceção. Assim, e tendo em conta que da estrutura em negativo resultou louça grosseira, houve necessariamente um revolvimento das terras que até então cobriam o espaço sepulcral, o que, por conseguinte, fez com que muitos artefactos se deslocassem das suas posições originais. Neste sentido, e de acordo com o que atrás foi descrito, colocamos muitas aspas em qualquer tentativa de categorização desta estrutura.



**Figura 6.** Plano da estrutura em negativo na área do corredor. Registo gráfico elaborado à escala 1:20. **Fonte:** Autor.



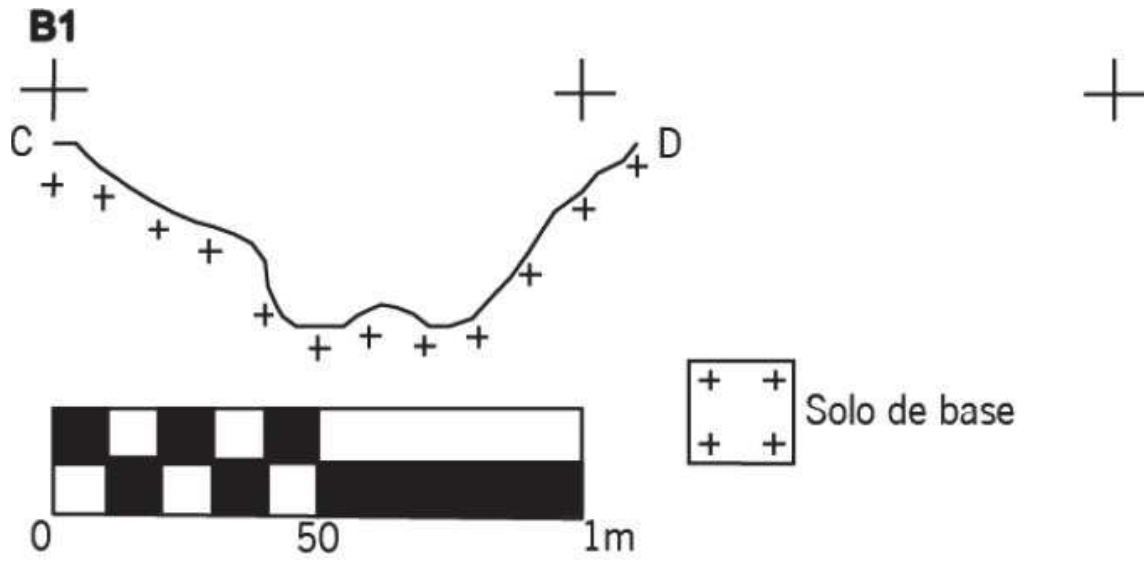


Figura 10. Secção CD da estrutura em negativo na área do corredor. Registo gráfico elaborado à escala 1:20. Fonte: Autor.





Figura 11. Estrutura em negativo na área do corredor, vista a partir de oeste. Fonte: Autor.

## 6.2. O *tumulus* e o contraforte

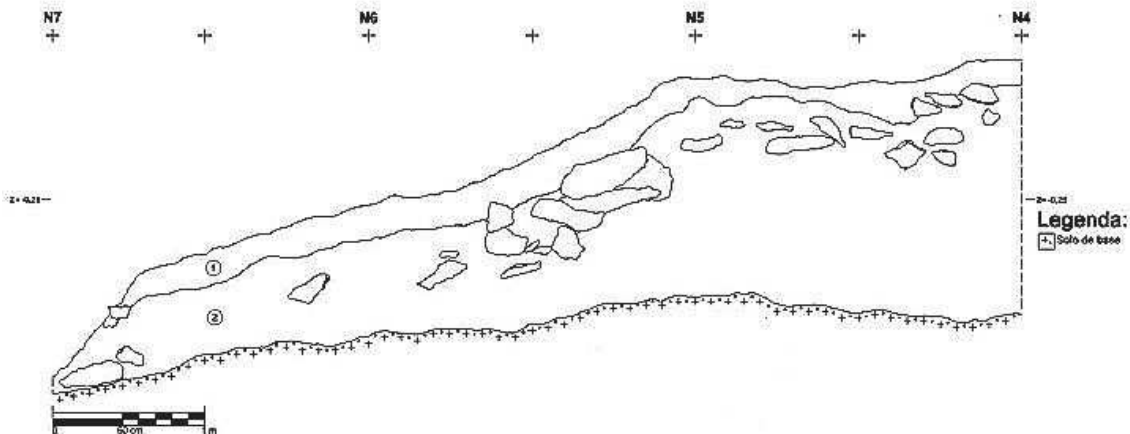
A Mamoia de Eireira apresenta um *tumulus* ovalar com cerca de 24,50 m no sentido este-oeste e 19,90 m no sentido norte-sul. Este apresenta uma couraça lítica que é composta por calhaus e blocos de granito, de vários seixos de quartzito rolados, sendo mais compacta no lado norte (SILVA, 1986: 6). Aqui, o pendor do *tumulus* é mais acentuado, verificando-se a existência de blocos dispostos de cutelo, em travamento, e alguns blocos de grande dimensão na base (Idem, 1986: 5; 1988b: 128). Já nas sanjas este, oeste e sul, a estrutura lítica é menos compacta e no espaço compreendido entre as sanjas norte e sul a couraça é apenas preenchida com



terra (*Idem*, 1986: 5). As quatro campanhas de escavação colocaram a descoberto na sanja sul uma estrutura de contenção “com pedras bem dispostas em carapaça abrupta, tipo “cairn”, no lado exterior dos esteios da câmara” (*Idem*, 1986: 5). Esta estrutura encontra-se bem conservada e trata-se de um contraforte.

A estrutura de contrafortagem, que tinha como função a proteção e/ou reforço do dólmen propriamente dito, caracteriza-se por apresentar uma morfologia hemisférica. Este é constituído por pequenos a médios blocos de granito, bastante imbrincados, que se estendem abruptamente desde o topo das lajes dos esteios (da câmara e do corredor) até quase ao solo de base (*Idem*, 1988b: 129). Os blocos graníticos que estão na base da estrutura em causa parecem estar argamassados, uma vez que a terra que preenche os espaços vazios dos mesmos apresenta uma tonalidade amarelada, semelhante à composição do barro (*Idem*, 1988b: 129). Assim, na base os blocos graníticos estão mais compactados. Em contrapartida, os espaços livres dos calhaus ou blocos que se encontram ao longo de todo o contraforte são já preenchidos por uma terra mais escura, o que lhes confere uma menor compactação (*Idem*, 1988b: 129). No entanto, e de uma forma geral, esta estrutura encontra-se bem conservada, exceto no lado oeste onde o monumento sofreu uma maior violação (*Idem*, 1988b: 129).

De forma a simplificar as descrições de Silva no que concerne ao *tumulus* e à estrutura de contrafortagem, pelas nossas observações atentas nos cortes das antigas escavações verificamos que o monumento terá sido construído por diversas etapas. Após a construção da câmara e do corredor terá sido construído em seu redor um contraforte compacto. Posteriormente, este foi coberto com sedimentos, que, por sua vez, cobriram uma couraça lítica, reforçada nos seus limites mais exteriores, chegando em alguns locais até ao substrato rochoso (como é o caso da sanja oeste). Mais tarde, em momento que se desconhece e num espaço temporal que poderá ter sido curto ou longo, houve um alargamento da área do *tumulus*, tendo o primeiro reforço lítico periférico passado a constituir um reforço intermédio do *tumulus* (vd. **Figura 12.**). Este acrescento foi construído com sedimentos, também eles, cobertos com uma couraça lítica reforçada ao nível de base, com alguns blocos graníticos sobrepostos uns aos outros como se de um murete de contenção de terras se tratasse, o que é notório apenas nalguns locais.



**Figura 12.** Perfil nascente da sanja norte da Mamoa de Eireira. **Fonte:** Autor.

Em termos litológicos verificamos, ainda, que a couraça lítica e o contraforte foram construídos essencialmente com calhaus e blocos de granito acinzentado e alguns raros granitos de tonalidade vermelha (vd. **Figura 13.**), raros quartzos leitosos e vários seixos rolados de quartzito de origem marinha, toda ela de origem local.



**Figura 13.** Calhau de granito de tom avermelhado constituinte da estrutura de contrafortagem. **Fonte:** Autor.

### 6.3. A área fronteira ao corredor

Apesar de Eduardo Jorge Lopes da Silva ter escavado a área fronteira ao corredor com o objetivo de definir e compreender melhor a estrutura de contrafortagem, este investigador encontrou uma estrutura lítica, semi-circular, implantada no solo de base, próxima da entrada do corredor (SILVA, 1989: 2) que não interpretou e que pensamos tratar-se do que restou da estrutura de condenação da entrada, perturbada por antigas violações, visto que o seu esteio de fecho, provavelmente o número 9, se encontrava deslocado aquando das suas escavações.



Segundo o que pudemos observar, este anel lítico era composto por calhaus e blocos de granito, similares aos do contraforte.

Em frente a este anel lítico observam-se algumas lajes graníticas rasantes ao solo que pensamos poderem delimitar um átrio, mas o facto de termos constatado que eram afloramentos deixa-nos muitas dúvidas sobre esta possível interpretação (vd. **Figura 14.**). É possível que tivessem sido aproveitadas para uma espécie de “lajeado natural” do átrio, cujos limites ainda estão por escavar.



**Figura 14.** A área fronteira ao corredor, escavada até ao substrato rochoso, e onde se pode evidenciar, no perfil, o que cremos serem vestígios da estrutura de contenção (em primeiro plano) e a espécie de “lajeado natural” que poderia constituir o chão do átrio. Fotografia realizada a partir de poente. **Fonte:** Autor.

#### 6.4. A estratigrafia

Com vista a compreender e/ou a interpretar adequadamente o monumento atribuímos números às camadas que se evidenciaram nos diferentes cortes estratigráficos. De seguida, apresentamos a leitura das camadas que podem ser observadas nos desenhos dos vários cortes:

Camada 1 – Sedimento superficial, de composição areno-limosa, coloração castanho-acinzentado, apresentando múltiplas raízes, médias a finas. Esta camada torna-se mais compacta e mais clara à medida que se avança em profundidade, e, por conseguinte, nota-se uma rarefação dos elementos vegetais. Trata-se da camada humosa.

Camada 2 – Camada composta por calhaus e blocos de granito que se encontram na parte superior desta camada e que correspondem à couraça lítica superficial do monumento. Sob eles os sedimentos de composição arenosa apresentam uma coloração castanho-clara, existindo algumas manchas de terra de coloração amarelada, sendo, portanto, heterogéneos em termos cromáticos. Evidencia-se, ainda, a inclusão de raízes e de alguns calhaus dispersos. Trata-se dos sedimentos que compõem o *tumulus* (vd. **Figura 15.**).

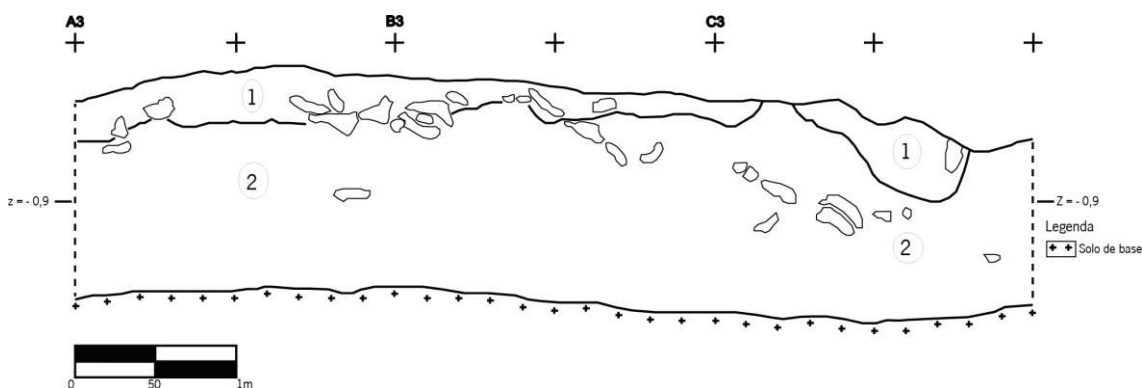


Figura 15. Perfil norte da área central do tumulus da Mamoa de Eireira. Registo gráfico elaborado à escala 1:20. Fonte: Autor.

## 6.5. O espólio

A consulta dos quatro relatórios de escavação elaborados por Eduardo Jorge Lopes da Silva para a tutela não especificam de forma desejada a tipologia do espólio que se obteve no decurso das intervenções arqueológicas ao monumento. A acrescer a este facto, a maioria do espólio ainda se encontra na posse dos familiares deste investigador, entretanto falecido no ano de 2013, além da existência de um documento legal estabelecido entre a Câmara Municipal de Viana do Castelo e o próprio, onde se expressa a não autorização do estudo dos artefactos depositados no município por outros profissionais de arqueologia. Ainda assim, enumerá-lo-emos, segundo o que se descreve na documentação referida, bem como o parco conjunto artefactual depositado no Museu da Casa dos Nichos em Viana do Castelo, que tivemos a oportunidade de observar.

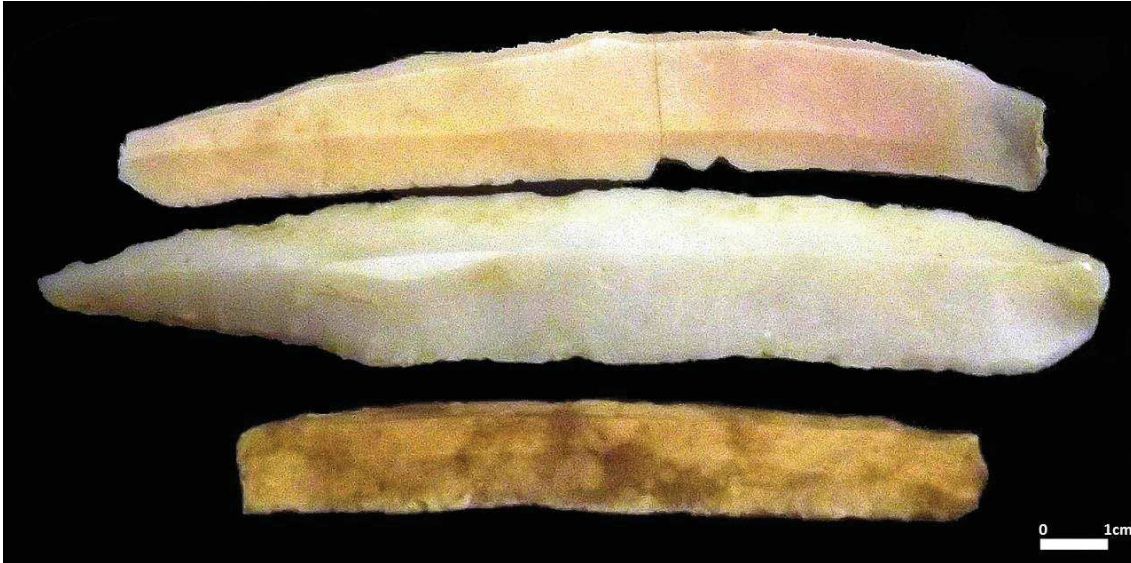
O estudo do espólio será dividido por categorias. Na primeira inserimos o cerâmico, na segunda, os artefactos líticos, quer lascados, quer polidos; e, na terceira, os diversos.

### 6.5.1. Espólio cerâmico

A consulta dos quatro relatórios referidos permitiu verificar que, durante os trabalhos arqueológicos no monumento em causa, foram recolhidos 247 fragmentos de cerâmica lisa. Na primeira campanha foram exumados 88 fragmentos de cerâmica lisa que Silva referiu como “*não muito característicos*” (SILVA, 1986: 7) do Neolítico. Já na segunda campanha recolheram-se 129 fragmentos de cerâmica do mesmo tipo e na terceira campanha exumaram-se mais 30 (*Idem*, 1897: 6; 1988a: 4). Este investigador destaca, na terceira campanha, a recolha de um pequeno fragmento com decoração campaniforme (*Idem*, 1988a: 4), porém não o registou gráfica e fotograficamente para que pudéssemos efetuar a sua classificação precisa. Do mesmo modo, tal como aconteceu para todo o espólio ceramológico supracitado, não nos fornece a localização deste no seio da área escavada (quadrado, cota, entre outras coisas).

### 6.5.2. Espólio lítico lascado

Na segunda campanha de escavações foram exumadas cinco lâminas, das quais tivemos a oportunidade de observar três no Museu da Casa dos Nichos em Viana do Castelo. Estas são de sílex branco-acinzentado ou ligeiramente rosado e opaco (**vd. Figura 16.**). Uma delas, a que se encontra no meio, está retocada e parece ser uma lâmina com a extremidade distal em ponta (se de facto a extremidade direita corresponder ao bolbo). De igual forma, a lâmina inferior também parece estar retocada.



**Figura 16.** Três lâminas de sílex exumadas da Mamoa de Eireira atualmente depositadas e em exposição no Museu da Casa dos Nichos em Viana do Castelo. **Fonte:** Autor.

Também se exumaram 17 pontas de seta, sendo cinco descritas como de base triangular. Na primeira intervenção ao monumento Silva recolheu três pontas de seta de base triangular, fornecendo igualmente a localização das mesmas no seio da área escavada (SILVA, 1986: 6). A primeira surgiu no quadrado A1 ( $X = 0,21$ ;  $Y = 1,15$ ;  $Z = 0,44$  m), a segunda no quadrado N1 ( $X = 0,32$ ;  $Y = 0,47$ ;  $Z = 1,56$  m) e, por fim, a terceira no quadrado N10 ( $X = 1,62$ ;  $Y = 0,94$ ;  $Z = 0,65$  m) (*Idem*, 1986: 6). Estes três quadrados correspondem à área da câmara (vd. **Figura 17.**), porém segundo Silva (1986: 6) as pontas de seta foram descobertas numa zona de revolvimento. Já na segunda campanha, em 1987, foram exumadas 12 pontas de seta, não especificando Silva a sua tipologia, no entanto refere que estas, de uma forma geral, surgiram nos quadrados A1 (2), F10 (3), N1 (1), E10 (1), B10 (2), A10 (2) e N10 (1), a uma profundidade compreendida entre os 0,30 e os 2 m (*Idem*, 1987: 6). Os quadrados A1, N1, A10 e N10 correspondem à área da câmara e os restantes ao corredor da estrutura dolménica. Tendo em conta a profundidade da descoberta de algumas destas peças, Silva, admite que seriam oferendas funerárias. Tal como aconteceu com o espólio ceramológico Silva não efetuou a localização precisa destes achados, assim como o seu registo gráfico e fotográfico, argumentando que “o elevado número de materiais exumados não permite aqui [no relatório] cotas e outros registos, o que acontecerá na altura da publicação monográfica do estudo completo deste monumento” (*Idem*, 1987: 6). Na terceira campanha foram detetadas mais duas pontas de seta de base triangular (*Idem*, 1988a: 4), porém descontextualizadas no terceiro relatório entregue à tutela.



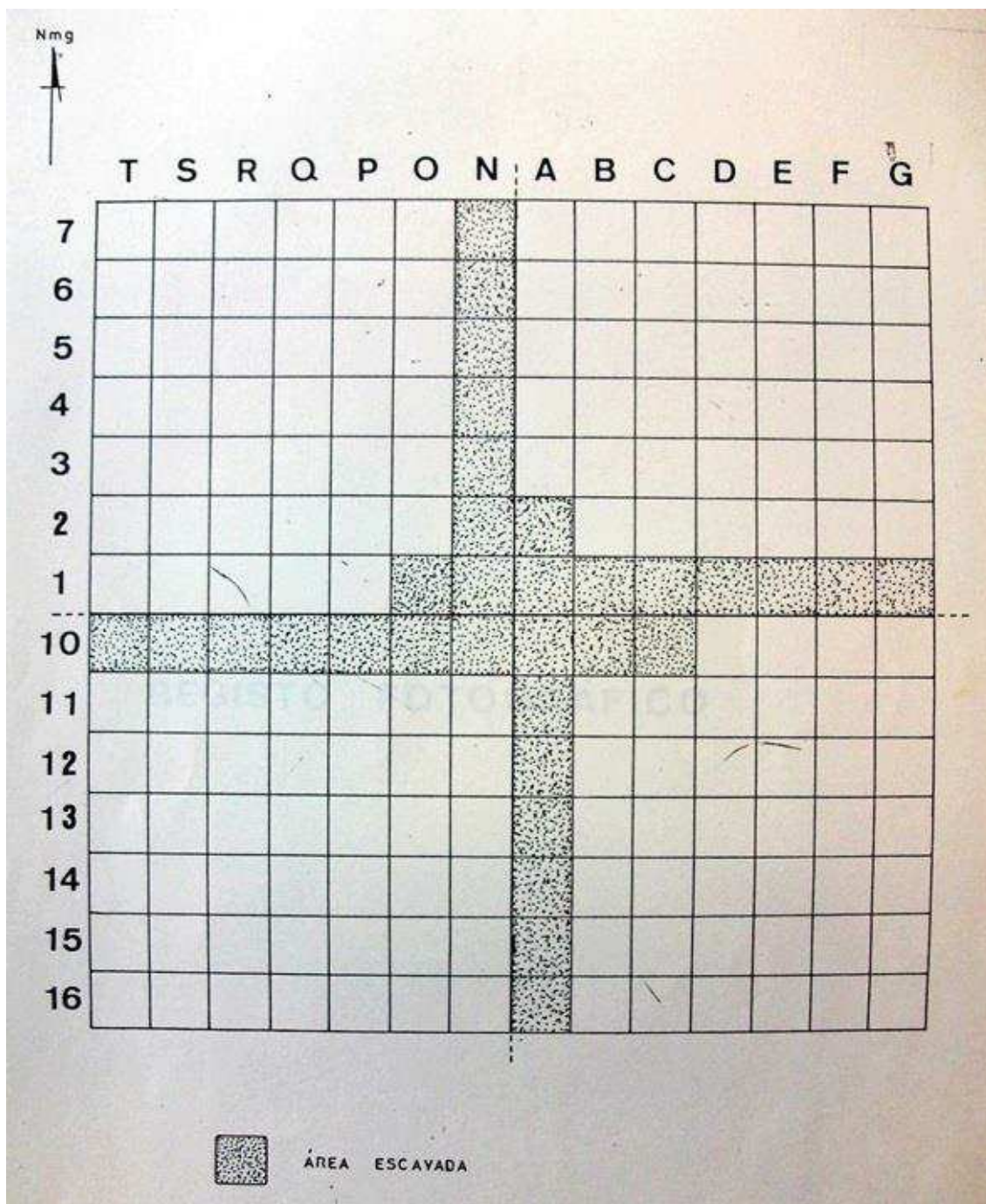
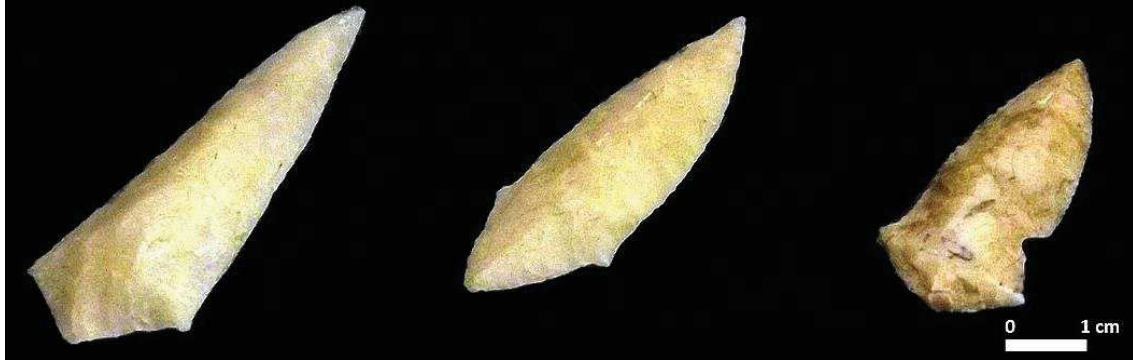


Figura 17. Planta da totalidade da área escavada, em 1989, da Mamoa de Eireira, segundo Silva (1989). Fonte: Relatório de Escavação.

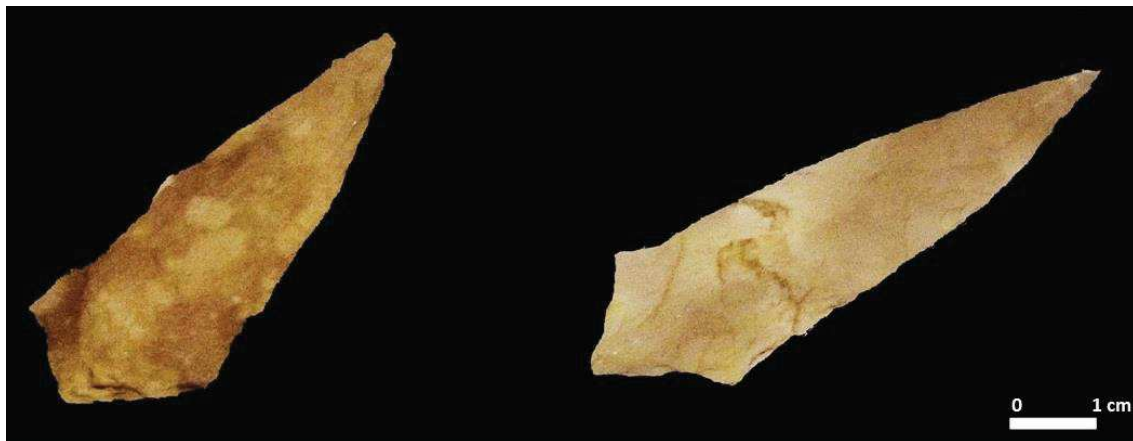
Das 17 pontas de seta exumadas na Mamoa de Eireira, oito encontram-se depositadas e em exposição no Museu da Casa dos Nichos em Viana do Castelo, pelo que tivemos a oportunidade de as estudar parcialmente (vd. Figuras 18., 19. e 20.). Neste sentido, três são de sílex (duas efetuadas em sílex de coloração acinzentado e opaco e uma em sílex rosado), duas são de xisto e as restantes três foram executadas usando o quartzo semi-translúcido. Duas destas pontas de seta em quartzo semi-translúcido têm um retoque serrilhado muito bem preservado. Do mesmo modo, também verificamos que seis destas pontas de seta apresentam aletas laterais agudas. Na tentativa de melhorar o nosso estudo acerca destes materiais verificamos igualmente que o sílex que compõe as três pontas de seta expostas no



museu não é local, este tipo de matéria é exclusivo da zona meridional do atual território nacional, nomeadamente nos calcários de Ançã (Cantanhede, Coimbra), no limite nascente e Arazede, no limite ocidental. Este tipo de sílex caracteriza-se pela sua opacidade, grão fino e uma superfície de fratura lisa, o que lhe confere uma aptidão natural para o talhe (AUBRY et al., 2009: 148). No entanto, não podemos excluir que algumas peças possam ter sido feitas em sílex paleogénico, oriundo da região de Vagos e Mira (Formação de Queridas). Uma destas peças em sílex acastanhado será de outra região, embora desconheçamos qual.



**Figura 18.** Três pontas de seta em sílex exumadas da Mamoa de Eireira atualmente depositadas e em exposição no Museu da Casa dos Nichos em Viana do Castelo. **Fonte:** Autor.



**Figura 19.** Duas pontas de seta em xisto exumadas da Mamoa de Eireira atualmente depositadas e em exposição no Museu da Casa dos Nichos em Viana do Castelo. **Fonte:** Autor.



**Figura 20.** Três pontas de seta em quartzo semi-transparente exumadas da Mamoa de Eireira depositadas e em exposição no Museu da Casa dos Nichos em Viana do Castelo. **Fonte:** Autor.

No Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo encontra-se também um parco espólio, lítico, proveniente da Mamoa de Eireira. Aqui, pudemos observar mais quatro pontas de seta que passaremos agora a descrever. De salientar ainda que não nos foi autorizada a reprodução gráfica e fotográfica dos materiais que a seguir se descrevem. A primeira ponta de seta com o número de inventário EIR/AF/86 é proveniente do quadrado N1,

ou seja, a terceira a ser descoberta na campanha de escavação do ano de 1986 e que segundo Silva teria surgido numa zona de revolvimento (SILVA, 1986: 6). Esta apresenta uma base triangular com aleta lateral aguda e foi fabricada a partir de quartzo. A segunda com o número de inventário EIR/AF/87, e tal como este traduz, é proveniente da segunda campanha de escavação à Mamoa de Eireira. Não apresenta uma base triangular, mas antes reta e foi também executada em quartzo, tal como as que se encontram expostas no museu. Já a terceira foi descoberta à superfície no ano de 1991, tal como reflete o seu número de inventário M-Afife/91-Eir (sup). Esta apresenta uma base triangular e é de xisto acastanhado. A última ponta de seta guardada no Gabinete de Arqueologia, com o número de inventário EIR/AF/86, foi descoberta no quadrado A1 no ano de 1986. Foi a primeira ponta de seta descoberta na Mamoa de Eireira. Apresenta uma base triangular de bordos convexos, tem aleta lateral obtusa e é de xisto acastanhado.

É de referir que apesar de algumas pontas de seta estarem parcialmente fragmentadas, no geral, encontram-se em bom estado e sem sinais de utilização.

Ainda tivemos a oportunidade de observar um fragmento de lamela, o qual se encontra quebrado na extremidade distal e é de sílex acastanhado. Este pequeno fragmento foi descoberto no âmbito da segunda campanha, em 1987, no quadrado B10. O seu número de série é EIR/AF/87. Visualizamos, também, um fragmento de um micrólito. Trata-se de um trapézio em quartzo, exumado na segunda campanha de escavação, sem localização precisa.

Podemos também inserir na categoria dos líticos seis fragmentos de sílex exumados durante a segunda campanha de escavação (*Idem*, 1987: 6), um “pico ancorense” também descoberto nesta campanha (*Idem*, 1987: 6), e por fim, e não menos importantes, 272 lascas residuais de quartzito, algumas com retoque, exumadas nas primeiras três campanhas de escavação. Assim, na primeira foram recolhidas 140, na segunda 95 e na terceira apenas 30 (*Idem*, 1986: 7; 1987: 6; 1988a: 4).

### 6.5.3. Espólio lítico polido

Entre a segunda e a terceira campanha, 1987 e 1988, respetivamente, foram recolhidos três machados de pedra polida, dois na segunda e um na terceira (SILVA, 1987: 6; 1988a: 4). Um deles foi alvo de registo fotográfico por Silva (**vd. Figura 21.**) e anexo ao segundo relatório entregue à tutela. A nossa observação a este documento permite verificar que este apresenta um contorno sensivelmente trapezoidal embora com os lados convexos, o gume ligeiramente arredondado e talão plano. Tem cerca de 12 cm de comprimento, por menos de 6 cm no gume e cerca de 3,5 cm no talão. No que concerne à matéria-prima com que foi executado nada podemos acrescentar. Não parece apresentar sinais de ter sido usado.





**Figura 21.** Um dos machados de pedra polida recolhido no âmbito da segunda campanha de escavação à Mamoa de Eireira, em 1987. Fotografia por Silva (1987). **Fonte:** Relatório de Escavação.

## 6.5.4. Diversos

Neste ponto incluiremos alguns artefactos que não se integram em nenhum dos grupos anteriores, mas que certamente possuíram um papel preponderante nas práticas funerárias realizadas na Mamoa de Eireira. Referimo-nos aos seixos rolados e aos cristais.

Quanto aos seixos rolados foram encontrados apenas oito na segunda campanha de escavação ao monumento (SILVA, 1987: 6). Já os cristais apareceram em grande quantidade. Nas duas primeiras intervenções foram recolhidos 55 cristais de quartzo, 43 na primeira e 12 na segunda. Silva descreveu o primeiro conjunto como sendo piramidais, mas não muito perfeitos e adianta, também, que a sua deposição parece ser intencional (*Idem*, 1986: 7) (vd. **Tabela 1.**).

Oferendas	Quantidade	Características	Matéria
Micrólitos	1	Trapézio	Quartzo
Lamelas	1	?	Sílex
Lâminas	5	Algumas com retoque	Sílex (3)
Pontas de seta	17	Base triangular com e sem aletas, reta, semicircular e desconhecidas	Sílex, xisto e quartzo semi-translúcido
“Pico Ancorense”	1	?	Quartzito
Fragmentos informes	6	?	Sílex
Machados	3	?	?
Seixos rolados	8	?	Quartzito
Lascas residuais	272	Algumas com retoque	Quartzito
Cristais	55	?	Quartzito

**Tabela 1.** Características do material lítico da Mamoa de Eireira. **Fonte:** Autor.



## 7. A questão cronológica

De modo a determinar a cronologia absoluta do monumento procedemos à recolha de amostras do pigmento vermelho no pilar pintado, assim como em alguns esteios da Mamoa de Eireira. Após esta tarefa minuciosa enviamos as mesmas para o laboratório Beta Analytic Inc., em Miami (EUA), de forma a se realizarem datações radiométricas. No entanto, e para grande infelicidade nossa, as amostras revelaram-se insuficientes e contaminadas. Neste sentido, a atribuição de uma cronologia à Mamoa de Eireira será efetuada, num plano futuro, com base nas suas características arquitetónicas, no espólio recolhido e nos motivos das gravuras e pinturas dos esteios. De qualquer modo, em termos genéricos, consideramos que o monumento foi erguido durante o Neolítico Médio/Final e reutilizado no Calcolítico.

## 8. Discussão dos resultados

A escolha de um lugar último onde os corpos pudessem descansar eternamente pressupôs, antes de mais, o conhecimento da paisagem pelas comunidades neolíticas construtoras da Mamoa de Eireira. Não iremos aqui discutir as várias definições possíveis de um conceito tão abrangente, e ao mesmo tempo subjetivo, como é o da “paisagem”, no entanto assumi-lo-emos como *“um processo de informação que implica códigos, percepções, de forma a fornecer uma mensagem, tanto para os olhos como para a mente, num espaço cultural particular”* (CAMPELO, 2013: 17). O mesmo é dizer que estas sociedades dialogavam através da paisagem, considerando-a não um lugar inerte, mas antes repleta de animismo. Assim, todos os elementos que nela se inserem (pedras, afloramentos, montes, águas, rios, nascentes, bosques, determinadas plantas ou mesmo outros animais) seriam entidades portadoras de qualidades benéficas ou malélicas (BRADLEY, 2000; INGOLD, 2000; entre outros). Parece-nos assim claro afirmar que a escolha do local para implantar o sepulcro megalítico, neste caso a Mamoa de Eireira, não terá sido arbitrária, mas antes pensada e refletida, obedecendo a normas sociais e a condutas comportamentais específicas. A implantação topográfica da Mamoa de Eireira, muito próxima ao Oceano Atlântico e a cerca de 400 m para nascente da linha de costa, apesar de constituir uma característica peculiar, não lhe é exclusiva, pois a Mamoa de Chafé (Viana do Castelo) também a evidencia (SILVA, 1994: 161; 2003: 271).

No que às características construtivas diz respeito, o estudo deste monumento megalítico permitiu desde logo compreender que as comunidades neolíticas locais recorreram a diferentes soluções arquitetónicas aquando da construção deste tipo de estrutura. Assim, o montículo da Mamoa de Eireira é composto por terra à qual se acrescentou uma couraça lítica composta por calhaus/blocos de granito e, além destes elementos pétreos, também fazem parte do montículo vários seixos rolados de quartzito e raros quartzos leitosos. O montículo deste monumento cobria ainda uma estrutura de contrafortagem composta por blocos de granito de pequenas a médias dimensões, os quais parecem estar argamassados na base, dada a compacidade e tom amarelado das terras que preenchem os espaços vazios. Quer no montículo quer no contraforte é de salientar a presença de granitos de tonalidade avermelhada, embora a sua ocorrência seja rara. Tal denota que as matérias usadas na construção deste monumento foram criteriosamente escolhidas não sendo, portanto, aleatórias e tendo, certamente, um simbolismo muito preciso para o grupo que o construiu. No caso dos seixos rolados, aliás comuns em muitos monumentos megalíticos do norte de Portugal, poderá ter havido mesmo uma vontade de associar os monumentos dos mortos ou os seus espíritos com o mundo das águas.

Em relação à arquitetura dos monumentos megalíticos refira-se que no norte do atual território nacional estes configuram uma arquitetura de tipo clássico, isto é, poucos são os monumentos que se encontram providos de mamoas, as câmaras apresentam dimensões medianas e os corredores são diferenciados, na maioria dos casos (*Idem*, 2003: 272). Contudo, do nosso estudo verificamos que a Mamoa de Eireira constitui uma “exceção à regra”, pois apresenta um *tumulus* bem conservado e uma câmara e corredor duplamente indiferenciados,

em planta e alçado. Esta situação, embora rara no nosso país, verifica-se também noutros monumentos localizados no norte do território português, assim como na vizinha Espanha, nomeadamente na região da Galiza (CARRERA RAMÍREZ, 2005; VILASECO VÁZQUEZ, FÁBREGAS VALCARCE, 2006). Por cá, o Dólmen da Barrosa (Caminha, Viana do Castelo) constitui o primeiro paralelo próximo com a Mamoa de Eireira. A estrutura dolménica deste também apresenta uma câmara e corredor indiferenciados em planta, mas não em alçado, dado que as lajes do corredor são mais baixas (SILVA, 2003: 272). Todavia, esta indiferenciação em planta deve ser colocada entre aspas, dado que as lajes do corredor se encontram fraturadas no topo, impedindo uma atribuição segura em relação ao seu tamanho original (CARRERA RAMÍREZ, 2005: 375). Situação inversa ocorre na Mamoa de S. Romão do Neiva I (Viana do Castelo), de câmara e corredor indiferenciados, pois são os ortóstatos da câmara que apresentam dimensões reduzidas em relação aos do corredor, mais altos (SILVA, 2003: 272). No concelho de Esposende, o Dólmen da Portelagem também evidencia, embora de forma ténue, indiferenciação em planta entre a câmara e o corredor (*Idem*, 1994: 166). As lajes do curto corredor são mais baixas em relação às da câmara (*Idem*, 1994:166). Outro exemplo crasso deste tipo de característica arquitetónica reside no concelho de Penafiel, na freguesia de Santa Marta, o Dólmen da Portela. Este monumento com uma câmara poligonal irregular apresenta um longo corredor indiferenciado em planta, com cerca de 6 m de extensão e uma largura máxima de 2,5 m (JORGE, 1982; STOCKLER, 2000). Em Espanha, mais concretamente na região da Galiza, o dólmen 2 de Parxubeira (A Coruña) é constituído por uma câmara, da qual se conservam sete ortóstatos, estando um deles fraturado; e um corredor curto com dois ortóstatos em cada lado (CARRERA RAMÍREZ, 2005: 558). Nesta estrutura dolménica verifica-se uma indiferenciação em planta entre a câmara e o corredor, mas não em alçado, uma vez que as lajes do corredor são mais baixas (*Idem*, 2005: 558). A Mamoa 2 de Fonte do Lagarto, também conhecida como “Casiña da Moura” (Pontevedra) trata-se também de um dólmen de corredor indiferenciado em planta (*Idem*, 2005: 690). Na mesma região encontra-se uma outra, a Mamoa 1 de Chan de Castiñeiras (Pontevedra), onde as campanhas de escavação colocaram a descoberto uma estrutura dolménica em muito mau estado de conservação, mas ainda assim os investigadores propõem “*uma câmara poligonal com corredor indiferenciado em planta e escassamente em altura*” (*Idem*, 2005: 699). Ainda nesta área geográfica, a Mamoa de Chan de Arquiña (Pontevedra) configura uma estrutura dolménica de câmara e corredor indiferenciados em planta e levemente em altura (*Idem*, 2005:729). O corredor é curto, tendo apenas três ortóstatos à esquerda e dois à direita, enquanto a câmara é formada por nove ortóstatos (*Idem*, 2005: 729). A Anta do Meixueiro (Pontevedra) apresenta uma câmara poligonal de tamanho considerável e um corredor indiferenciado em planta (*Idem*, 2005: 758). Por fim, também a Anta I de San Colmado (Pontevedra) apresenta uma estrutura idêntica, sendo o corredor indiferenciado em planta e pouco diferenciado em altura (*Idem*, 2005: 759).

No que concerne às práticas funerárias, nomeadamente ao nível do espólio votivo exumado da Mamoa de Eireira, procuraremos não ser exaustivos no que toca à comparação com outros monumentos, já que o mobiliário funerário recolhido neste monumento é muito comum aos de outros monumentos no norte do país. O espólio votivo encontrado na Mamoa de Eireira foi relativamente vasto e diversificado. Contudo, e tal como Silva (1994: 163) já tinha referido, destaca-se a predominância do material lítico. Atentemos também no facto de se ter recolhido um fragmento de cerâmica com decoração “campaniforme”, embora este investigador não tenha procedido à sua classificação. Esta característica, que contraria claramente a ideia da “pobreza artefactual” que continua associada aos monumentos megalíticos do norte português, também se evidenciou na Mamoa de Chafé (Viana do Castelo). Aliás, este monumento primou pela excecionalidade, pois permitiu a recolha de mais de sete dezenas de pontas de seta (SILVA, 1994: 164). Estas são semelhantes às encontradas na Mamoa de Eireira quer ao nível da tipologia quer ao nível da matéria-prima com que foram executadas, isto é, a



maioria “são elaboradas tanto em sílex, como em xisto, comeana e quartzo, apresentam, [...], a base triangular, muitas delas com aletas” (*Idem*, 1994: 164). De igual forma recolheram-se lâminas de dimensões significativas, dois machados de pedra polida e várias lascas de quartzito (*Idem*, 1994: 164). No que à cerâmica diz respeito, e a par da Mamoa de Eireira, também se descobriram fragmentos com decoração campaniforme do tipo “marítimo” (*Idem*, 1994: 164). Já aqui tínhamos referido o aparecimento de um fragmento osteológico na Mamoa de Eireira, de acordo com as informações de Horácio Faria (2014), no entanto em momento algum Eduardo Jorge Lopes da Silva refere este facto, assim como a possível “fossa de enterramento” no seio deste monumento. Não podemos deixar de lamentar esta ausência de registo e consequente estudo para o fragmento ósseo de maxilar inferior (?) ocorrido na Mamoa de Eireira, de forma a averiguar, por exemplo, a idade à morte, possíveis patologias, código genético e o tipo de dieta alimentar das sociedades construtoras deste monumento, o que se revelaria útil e igualmente interessante na compreensão deste período cronológico à escala local/regional. Não menos importantes, muito pelo contrário, abordaremos também a deposição tida como intencional, na Mamoa de Eireira, dos seixos rolados de quartzito e dos cristais de quartzo. Assim, compartilhamos da opinião de Pedro Carvalho quando refere que “os seixos rolados fazem parte de um rol de materiais arqueológicos que embora muito frequentes em monumentos sepulcrais pré-históricos, não têm sido convenientemente valorizados por alguns arqueólogos” (CARVALHO, 2005: 187). As funções inerentes a este tipo de materiais podem passar pelo brunir cerâmica, constituir polidores, servir de percutores ou mesmo de bigornas (*Idem*, 2005: 187). Estes primam sobretudo pela quantidade em que ocorrem nos monumentos sepulcrais pré-históricos e a diversidade/variedade tipológica que ostentam, “o que não quer dizer que não obedeça a critérios lógicos que nos escapam atualmente” (*Idem*, 2005: 187). Em relação aos cristais de quartzo, saliente-se que estes são muito abundantes tanto em monumentos megalíticos funerários, assim como em povoados, sendo múltiplas as suas referências em diversos trabalhos. No entanto, as funções por eles desempenhadas são diferentes, ou seja, uns há que apresentam vestígios de utilização, outros terão servido de núcleos e ainda existem aqueles que têm claramente um carácter votivo, como é o caso dos recolhidos na Mamoa de Eireira. Referimos aqui apenas um descoberto na base da câmara do Dólmen de Pendilhe (Viseu), dado o seu comprimento invulgar, cerca de 20 cm (*Idem*, 2005: 197). Importa ainda referir, neste último ponto, que verificamos que as matérias usadas nas oferendas líticas são na maioria de origem local (como o xisto, o quartzo e o quartzito), embora algumas sejam exógenas (como o sílex acinzentado, provavelmente da área de Cantanhede e o avermelhado, provavelmente da área da Nazaré). Tal representa, além da interligação destas comunidades com o mundo meridional (possivelmente através da área costeira), a grande importância simbólica destas matérias nos ritos funerários.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de dissertação de mestrado do signatário intitulado “*Contextos e práticas funerárias do Neolítico na fachada costeira entre o Âncora e o Lima (Norte de Portugal) a partir da Mamoa de Eireira*”, que por sua vez se inseria na tarefa 2 do projeto *Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte rupestre e Deposições na Pré-história recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados – ENARDAS* (PTDC/HIS-ARQ/112983), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e comparticipados pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

O autor agradece ao Dr. Horácio Faria as informações disponibilizadas relativas às campanhas de escavação na Mamoa de Eireira; ao Dr. Pedro Pimenta Simões a classificação litológica dos constituintes do monumento da Eireira; à Dr<sup>a</sup>. Ana Bettencourt a orientação nos trabalhos de campo; ao Dr. César Oliveira a realização das análises de química inorgânica; ao Dr. Luís Gonçalves a realização das análises de cromatografia gasosa e ao Dr. Filipe Pereira o trabalho de cartografia.

(1) Horácio Faria participou nas duas últimas campanhas de escavação levadas a cabo na Mamoa de Eireira (1988 e 1989) por Eduardo Jorge Lopes da Silva. À data tinha 26 e 27 anos, respetivamente, participando neste processo num âmbito voluntário e interessado profissionalmente na análise e estudo da presença humana nos espaços costeiros minhotos. Nessa época era também presidente da associação cultural NAIAA (Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife), a qual disponibilizou todo o apoio possível a Eduardo Jorge Lopes da Silva e à equipa. Já era licenciado em Engenharia do Ambiente pela Universidade de Aveiro, em 1984, tendo como área de especialização a Poluição. Na última campanha de escavações era também aluno de pós-graduação em Gestão e Ordenamento de Zonas Ribeirinhas na Universidade de Cantábria.

(2) Utilizamos esta designação para elementos pétreos inferiores a 250 mm. Para os superiores foi usado o termo bloco.

## BIBLIOGRAFIA

AUBRY, Thierry [et al.] – Os artefactos: reconstituição da funcionalidade e da dinâmica de formação dos sítios. In AUBRY, Thierry (coord.) **200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico**. Lisboa: IGESPAR, I. P., 2009. ISBN 978-989-8052-14-8, p. 131-169.

BRADLEY, Richard – **An Archaeology of Natural Places**. London and New York: Routledge, 2000. ISBN: 978-0415221504.

BROCHADO, Carlos – Gerações de arqueólogos de Viana do Castelo. **Cadernos Vianenses**. Viana do Castelo: Câmara Municipal. ISSN 0871-4282. N.º 25 (1999), p. 109-126.

CAMPELO, Álvaro – **A paisagem. Introdução a uma gramática do “espaço”**. Braga: Universidade do Minho e Departamento de Geografia, 2013. ISBN 978-989-97394-4-4-4.

CARRERA RAMÍREZ, Fernando – **El arte parietal en monumentos megalíticos del Noroeste Peninsular – dimensión del fenómeno y propuestas de conservación**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2005. Tese de doutoramento.

CARTAILHAC, M. Émile - **Les Âges Préhistoriques de l’Espagne et du Portugal**. Paris: CH, 1886. ISBN 9782012867208.

CARVALHO, Pedro M. S. – A Necrópole Megalítica da Senhora do Monte (Penedono – Viseu): um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta. **Estudos Pré-Históricos**. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, 2005. ISBN 972993522X. Vol. 12.

FARIA, Horácio – **Re: Mamoia de Eireira – Informações Complementares**. 25 Mar. 2014. [Consult. 25 Mar. 2014]. Mensagem pessoal.

INGOLD, Tim – **The Perception of the Environment. Essays on the livelihood, dwelling and skill**. London and New York: Routledge, 2000. ISBN 0-203-46602-0.

JORGE, Vítor O. – **Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu**. Porto: Faculdade de Letras, 1982. 2 Vols. Tese de doutoramento.

TEIXEIRA, Carlos; MEDEIROS, Artur C. e COELHO, A. De Vasconcelos Pinto – **Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000. Notícia explicativa da folha 5-A (Viana do Castelo)**. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972.

SARMENTO, Francisco M. – Pelo Minho. Materiaes para a archaeologia do districto de Vianna. **Pero Gallego: folha litteraria scientifica, etc**. Viana do Castelo: [s.n.]. N.º 13 (1882), p. 2-4.

SILVA, Eduardo J. L. – **O Estudo do Megalitismo Minhoto e a sua Correlação com o Douro Litoral e Beiras**. Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte, 1985. Projeto de Investigação apresentado ao Instituto Português do Património Cultural.

SILVA, Eduardo J. L. – **Relatório da Escavação da Mamoia de Eireira (Afife, Viana do Castelo) – 1ª Campanha**. Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte, 1986. Relatório de Escavação Arqueológica.

SILVA, Eduardo J. L. – **Relatório da Escavação da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) – 2ª Campanha**. Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte, 1987. Relatório de Escavação Arqueológica.

SILVA, Eduardo J. L. – **Relatório da Escavação da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) – 3ª Campanha**. Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte, 1988a. Relatório de Escavação Arqueológica.

SILVA, Eduardo J. L. – A Mamoa de Afife: breve síntese de 3 campanhas de escavação. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. ISSN 2183-0266. Vol. 28:1-2 (1988b), p. 127-132.

SILVA, Eduardo J. L. – **Relatório da Escavação da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) – 4ª Campanha**. Porto: Grupo de Investigação Arqueológica do Norte, 1989. Relatório de Escavação Arqueológica.

SILVA, Eduardo J. L. – Descobertas recentes de arte megalítica no Norte de Portugal. **Cadernos Vianenses**. Viana do Castelo: Câmara Municipal. ISSN 0871-4282. N.º 15 (1991), p. 31-45.

SILVA, Eduardo J. L. – **Estações arqueológicas de Viana – Mamoa de Afife**. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 1992. Desdobrável.

SILVA, Eduardo J. L. – Megalitismo do Norte de Portugal: o litoral minhoto. In **Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemática e relações com outras áreas peninsulares”**. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, 1994. p. 157-169.

SILVA, Eduardo J. L. – Arte megalítica da costa norte de Portugal. **Brigantium**. Galiza: Museu Arqueológico e Histórico de Coruña. ISSN 0211-318X. Vol. 10 (1997), p. 179-189.

SILVA, Eduardo J. L. – Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal. In **Trabalhos de Arqueologia – Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo**. Lisboa: Ministério da Cultura e Instituto Português de Arqueologia, 2003. ISBN 972-8662—09-2. N.º 25, p. 269-279.

SOARES, Fábio – Contextos e práticas funerárias neolíticas entre os estuários do Âncora e do Lima (NW de Portugal). Algumas considerações. **Al-Madan**. Lisboa: Centro de Arqueologia de Almada. ISSN 0871-066X. No prelo.

STOCKLER, Carla – Reflexões Sobre a Ocupação Humana no Douro Litoral – do Neolítico inicial ao Bronze inicial. **Al-Madan**. Lisboa: Centro de Arqueologia de Almada. ISSN 0871-066X. IIª Série (9) (2000), p. 79-93.

VILASECO VÁZQUEZ, Xosé I. e FÁBREGAS VALCARCE, Ramón – En torno al megalitismo galego. In CARRERA RAMÍREZ, Fernando; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (coords.) **Arte parietal megalítico en el noroeste peninsular: conocimiento y conservación**. Espanha: Tórculo Edicións, 2006. ISBN 84-8408-388-8, p. 11-36.



## DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

BETTENCOURT, Ana M. S. – Carrasqueira. **Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português (CVARN)**. [Em linha] (2014). [Consult. 1 Fev. 2018]. Disponível em [www: <URL:http://www.obiut.org/cvarn/pdf/g\\_212.pdf>](http://www.obiut.org/cvarn/pdf/g_212.pdf).

OLIVEIRA, César [et al.] – **Painting the dead's world. The organic chemistry on the Analysis of colouring materials from Eireira's Barrow (Afife, Viana do Castelo)**. Poster apresentado no "3rd Enardas Colloquium. Living places, experienced places. The Northwestern Iberia in Prehistory". Braga: Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário – APEQ, Departamento de História da Universidade do Minho, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM/UM, 2014. Disponível em [www: <URL:https://www.academia.edu/6922101/OLIVEIRA C. SOARES F. BETTENCOURT A. M. S. GON%C3%87ALVES L. ARA%C3%9AJO A. 2014 . Painting the deads world. The organic chemistry on the analysis of colouring materials from Eireiras Barrow Afife Viana do Castelo>](https://www.academia.edu/6922101/OLIVEIRA_C.SOARES_F.BETTENCOURT_A.M.S._GON%C3%87ALVES_L.ARA%C3%9AJO_A.2014_.Painting_the_deads_world.The_organic_chemistry_on_the_analysis_of_colouring_materials_from_Eireiras_Barrow_Afife_Viana_do_Castelo).

SOARES, Fábio – **New data from the megalithic art of the Eireira Mound (Viana do Castelo) and some reflections on death conceptions in the Neolithic**. Poster apresentado no "2nd Colloquium Enardas. Recorded places, experienced places. Matter, space, time, liminality and memory in the holocene rock art of the Iberia atlantic margin". Braga: Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário – APEQ, Departamento de História da Universidade do Minho, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM/UM, 2013. Disponível em [www: <URL:https://www.academia.edu/5170513/New data from the megalithic art of the Eireira Mound Viana do Castelo and some reflections on death conceptions in the Neolithic>](https://www.academia.edu/5170513/New_data_from_the_megalithic_art_of_the_Eireira_Mound_Viana_do_Castelo_and_some_reflections_on_death_conceptions_in_the_Neolithic).